

## Resenha



### Uma Etnologia de Si. Um tempo sem idade<sup>1</sup>

Por Vera Brandão

O título desta resenha traduz o do livro *Une Ethnologie de Soi. Le temps sans âge*<sup>2</sup>, escrito pelo etnólogo e antropólogo francês Marc Augé. O autor, nascido em 1935 em Poitiers – França, é coordenador de pesquisas na École des Hautes Études em Sciences Sociales, que presidiu no período de 1985 a 1995, e referência nas áreas de Antropologia, Geografia, Ciências da Comunicação, Arquitetura, entre outras, com muitas e importantes obras publicadas, inclusive no Brasil<sup>3</sup>.

Mas, para o leitor leigo, vale uma contextualização do termo Etnologia, que se confunde, em muitos escritos, com Antropologia e Etnografia. De forma sucinta Augé e Colleyn (2012) buscam esclarecer os termos que sofreram uma evolução ao longo do tempo, a serem adequados à “supermodernidade”. De forma geral a Antropologia tem como foco o estudo dos seres humanos, em seus diferentes aspectos, agregando a “diversidade contemporânea das culturas humanas”.

Nesse contexto a etnografia é o registro descritivo da cultura material dos povos, e etnologia seria sua interpretação e descrição crítica. Hoje esta é a vertente que objetiva o estudo teórico baseado em pesquisa de pequena escala, a imersão prolongada do pesquisador no campo, a observação participante e o diálogo com os informantes.

MARC  
AUGÉ  
UNE ETHNOLOGIE  
DE SOI  
LE TEMPS SANS ÂGE

LA LIBRAIRIE  
DU XXI<sup>e</sup> SIÈCLE  
SEUIL

<sup>1</sup> Em tradução livre

<sup>2</sup> Coleção La Librairie du XXI<sup>e</sup> Siècle Paris: Éditions du Seuil, 2014.

<sup>3</sup> *Não-lugares: Introdução a uma antropologia as supermodernidade*. São Paulo: Papyrus 1994; *Por uma antropologia dos mundos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997; *A Guerra dos sonhos: Exercícios de Etnoficção*. São Paulo: Papyrus, 1998.

Ante o cruzamento e complexidade dos termos e conceitos, esclarecem os autores:

Consideremos que a antropologia como ciência do homem reagrupa a antropologia física e a antropologia social e cultural. Esta última, sinônimo de etnologia, se interessa por todos os grupos humanos, quaisquer que sejam suas características. Ela pode ter como objeto de estudo todos os fenômenos sociais que pedem uma explicação envolvendo fatores culturais. (AUGÉ e COLLEYN, 2012, p. 13)<sup>4</sup>

Esta breve introdução tem como objetivo “traduzir” o pensamento de um intelectual a respeito do próprio envelhecimento que, como antropólogo, utiliza o recurso da etnologia, ou seja, o pesquisador realizando não a observação e o diálogo com informantes, mas consigo próprio.

Afirma o autor que “cada um é levado, em algum momento, a se interrogar sobre sua idade, de um ponto de vista ou outro, e tornar-se o etnólogo de sua própria vida” (AUGÉ, 2014, p. 19).

Deixamos aqui registrado que esse procedimento de mergulho nas “narrativas de si” tem sido utilizado tanto no trabalho que realizamos com grupos de idosos (desde 1994), quanto na formação continuada de profissionais da área gerontológica (desde 2000), com resultados promissores no (re) conhecimento de si, dos outros, e dos tempos e espaços de vida. A escuta das vozes internas desvela e amplia a compreensão das questões existenciais, próprias às trajetórias humanas e, neste caso, do envelhecimento e longevidade. Ilustrando trazemos as palavras do autor:

Que idade você tem? Esta questão me deixa, já há algum tempo, embaraçado. Inicialmente por aqueles que a colocam, porque testemunham uma forma de indelicadeza da qual eu não supunha a existência. Depois porque devo refletir antes de responder. A questão da idade é uma experiência humana essencial, o lugar de reencontro entre eu e os outros, comum a todas as culturas, um lugar complexo e contraditório, no qual cada um poderia se tivesse paciência e coragem, ter a medida das meias-mentiras e meias-verdades das quais a vida é repleta. Cara a cara com nosso passado, somos todos criadores e artistas, avançamos e recuamos por não cessar de observar e recompor o tempo passado. (AUGÉ, 2014, pp. 18-19)

---

<sup>4</sup> *L'Anthropologie*. Paris: PUF, 2012



Complementando as reflexões extraídas do livro em destaque traduzimos, livremente, recente entrevista concedida por Marc Augé a Christilla Pellé-Douel para o magazine Psychologies<sup>5</sup>, intitulada “ A velhice não existe”:



### **Psychologies: Por que escrever sobre a velhice?**

**Marc Augé:** Porque envelheci! É uma questão que me interessa. Envelhecendo nos encontramos frente ao paradoxo segundo o qual somos obrigados a admitir a verdade dos números, sem nos sentirmos, de modo notável, diferentes. Eu não acredito que podemos inferir o modo de pensar de qualquer pessoa tendo como parâmetro a idade. Outros fatores devem ser considerados: existem velhos alegres e jovens tristes. Não podemos associar à velhice uma saúde comprometida, ao declínio, mesmo que, por certo, isto termine mal (risos). Essa desigualdade frente ao envelhecimento, a saúde, não é uma questão da idade, o que não impede sua realidade, e que questionemos o que ela representa.

### **Podemos ignorar a idade?**

**M.** É difícil de existir socialmente abstraindo totalmente a idade. Há uma dimensão social da idade, que inclui a maioria - a aposentadoria... E chega um momento no qual este constrangimento nos atinge. Desse ponto de vista, os intelectuais têm uma sorte particular já que não se aposentam jamais. Podem, conservando uma atividade intelectual, escapar da pesada determinação trazida pela idade. Quanto aos artistas, especialmente os atores, acredito que

<sup>5</sup> <http://www.psychologies.com/> nº 339, abril 2014

os maiores são aqueles cuja interpretação se apoia na sua idade, e penso em Jeanne Moreau, Jean-Louis Trintignant... Existe aí algo de reconfortante, uma forma de perenidade, de presença na vida. Ninguém poderia atuar no lugar deles.

### **Não somos “velhos” primeiro pelo olhar dos outros?**

**M.** Existe algo no olhar dos outros que nos remete à nossa idade. Quando isto me acontece preciso refletir, eu não acredito: penso que o tempo e a idade não são da mesma ordem. A idade nada mais é que a sucessão dos anos, esta progressão inelutável, com a conseqüente sanção social que a impõe. O tempo é muito mais vasto, pode ser a imaginação do futuro, ou a evocação do passado, ou a mistura dos dois. No fundo o tempo é liberdade enquanto a idade é constrangimento. Na realidade, a velhice não existe.

### **Como ela não existe?**

**M.** A velhice existe, já que a vivemos, mas ela não define um estado de consciência, nem de sabedoria particular, que nos permita contemplar o mundo com serenidade. Não se trata de negar a idade, nem a morte. Se nós temos um dever, uns com os outros, seria o de sair dessa determinação imposta pela idade. É o que se esboça com as políticas de apoio, de aposentadoria, mas que se mostram insuficientes. Em uma sociedade ideal seríamos todos iguais. Não semelhantes, mas iguais frente a essa questão da velhice. Sou sensível ao fenômeno de infantilização dos velhos, e isto se refere às pessoas enfraquecidas, mas essa injunção da velhice é muito deprimente. O prolongamento da esperança de vida traz consigo uma angústia: tememos a dependência, a doença. Existe então um paradoxo: vivemos mais tempo como velhos, é uma sorte, mas apresentado para a sociedade como inconveniente.

### **Será que aceitar a velhice depende da manutenção de aparência juvenil?**

**M.** Não aparentar a idade é um ideal. Mas restam as mesmas questões, elas são apenas compensadas. Viver segundo a idade, é viver segundo uma fatalidade, no modo trágico. Viver segundo o tempo, é viver simplesmente... O tempo é maleável. Quando nos interrogamos sobre o tempo não é para saber o que nos tornamos, mas para saber quem somos. Tendemos a pensar que nossa relação com a velhice varia segundo a cultura a qual pertencemos, mas todas as culturas tem a tendência a serem severas com a idade. A sociedade moderna amplia os prazos, e uma pessoa de idade avançada que está bem em aparência ainda tem certo espaço, o que não dura para sempre. Ser posto de lado é regra geral.

### **O Sr. afirma que envelhecer é ainda viver...**

**M.** Certamente! Evidentemente existe o desafio da morte, mas se envelheço é porque vivo! É encorajador... Refletir sobre as relações entre o tempo e a idade pode nos ajudar a conceber a questão da morte como uma falsa questão. A sabedoria seria de aproveitar o tempo, como os gatos, sem pensar na idade.

**O Sr. diz que a idade não existe de maneira constante...**

**M.** Tive o sentimento de envelhecer um pouco depois dos 30 anos. Depois não pensei mais neste assunto. Tive o privilégio de viajar, escrever, refletir, atividades que dilatam o tempo. Existem momentos que somos liberados de pensar na idade. Por exemplo, quando fazemos parte de um grupo com os mesmos interesses, como os corais, ou grupos de teatro. É uma liberação, e a idade não é uma questão que se imponha, neste sentido. Uma maneira de viver plenamente é viver fora do imperativo da idade. Finalmente, todo mundo morre jovem, todo mundo morre cedo demais.

*Data de recebimento: 18/8/2014; Data de aceite: 18/8/2014.*

---

**Vera Brandão** - Pedagoga. Doutora em Ciências Sociais. Pesquisadora CNPq PUCSP. Pós-doutorado em Gerontologia Social. Editora da Revista Portal de Divulgação. Email: [veratordinobrandao@hotmail.com](mailto:veratordinobrandao@hotmail.com)  
<http://portaldoenvelhecimento.org.br/revista-nova/index.php/revistaportal/index>